



CARAMBAIA lança *Murambi, o livro das ossadas*, obra que traz no centro de sua narrativa o genocídio em Ruanda

*O livro marca a estreia do senegalês Boubacar Boris Diop no Brasil. Ganhador do Grande Prêmio Literário da África Negra pelo conjunto da obra em 2000, ele tem sua carreira marcada pelo ativismo político decolonial*

Durante cem dias, entre abril e julho de 1994, um genocídio deixou 800 mil mortos em Ruanda. Quatro anos depois, o escritor senegalês Boubacar Boris Diop viajou ao país da África central para colher informações sobre esse período e escrever um livro. O resultado foi *Murambi, o livro das ossadas*, que a CARAMBAIA lança com tradução de Monica Stahel do original em francês. Conciso e sem sentimentalismos, o livro é um assombroso relato polifônico que provoca reações como a da escritora norte-americana Toni Morrison, prêmio Nobel de Literatura em 1993: “Esse romance é um milagre. *Murambi* confirma minha convicção de que só a arte pode lidar com as consequências da destruição humana e traduzi-las em significado. Boris Diop, com uma beleza difícil, conseguiu fazer isso. Poderosamente”.

*Murambi* se originou de um projeto organizado pelo Fest’África, encontro literário anual em Lille, na França. Uma dezena de escritores africanos foi chamada a fazer uma reflexão em palavras sobre o genocídio em Ruanda. Os autores permaneceram no país durante dois meses e produziram romances, diários, ensaios e poemas. O objetivo foi tentar romper o tabu, entre intelectuais africanos, de encarar os acontecimentos de 1994, que têm contornos inconcebíveis para quem não os presenciou. Ao longo dos cem dias de massacres cometidos por milícias de hútu contra tútsis – as duas etnias mais numerosas de Ruanda –, pessoas de todas as idades foram mortas, torturadas, mutiladas, estupradas e contaminadas propositalmente com o vírus da aids. O genocídio teve início com a queda provocada do avião do presidente ruandês, o hútu Juvénal Habyarimana, em 6 de abril de 1994. A ação dos grupos de facínoras era incentivada e muitas vezes organizada por emissoras de rádio, e a truculência era comemorada com festas. As atrocidades cometidas pelas milícias hútu contra os tútsis, grupos cuja rivalidade já havia sido explorada pelos colonizadores belgas e franceses, resultaram no último grande genocídio do século XX.



Murambi é a cidade onde ocorreu o massacre de cerca de 50 mil tútsis reunidos pelo prefeito e por um bispo numa escola técnica com a alegação de que seriam salvos por tropas francesas. Hoje a escola abriga um memorial com milhares de ossadas e corpos mumificados de vítimas do genocídio. É também a cidade de nascimento do personagem central do romance de Boris Diop, o professor de história Cornelius Uvimana, filho de mãe tútsi e pai hútu, que volta a Ruanda depois de passar quatro anos trabalhando no Djibouti, nordeste da África. Sua intenção ao visitar Murambi é entender por que toda sua família foi assassinada, exceto o pai, médico respeitado na comunidade. Ao chegar à cidade, Cornelius observa: “A Escola Técnica era um ponto de convergência, um dos raros lugares de Ruanda onde tinham se encontrado todos os atores da tragédia: as vítimas, os carrascos e as tropas estrangeiras da Operação Turquesa. Estas tinham acampado, com pleno conhecimento de causa, em cima das valas comuns.”

*Murambi, o livro das ossadas* reúne personagens que ora falam em primeira pessoa, ora são referidos em terceira. Muitos estiveram envolvidos direta ou indiretamente nos acontecimentos de 1994 e são distribuídos estrategicamente no espaço ficcional para dar uma visão complexa do genocídio, da história de Ruanda e da África, e da crueldade sem limites a que os seres humanos podem chegar. “É a história que quer sangue”, diz um dos personagens mais comprometidos com os massacres. No posfácio da edição da CARAMBAIA, um texto à altura do impacto do romance, Boris Diop revela sua estratégia de romancista: “O dever de memória é antes de tudo uma maneira de opor um projeto de vida ao projeto de aniquilamento dos genocidas.”

O livro é lançado no Brasil no momento em que a comunidade internacional começa a rever sua participação em genocídios ocorridos no século XX. Recentemente veio a público o relatório encomendado em 2019 pelo presidente francês Emmanuel Macron para esclarecer o envolvimento do país na formação e fornecimento de armas para o governo hútu, responsável pelo massacre em 1994 em Ruanda. O governo de Ruanda também vinha, desde 2017, preparando seu próprio relatório sobre o caso, que acabou sendo divulgado semanas depois do documento francês. Além da França, Estados Unidos e Alemanha trazem para a discussão outros dois genocídios – o primeiro com a fala histórica do presidente Joe Biden ao classificar como genocídio os massacres que levaram a morte de milhões de armênios entre 1915 e 1923; e o segundo ao negociar um acordo de reparação com a Namíbia pelos ataques entre 1904 e 1908, enquanto o país africano era ainda uma colônia germânica.



Boubacar Boris Diop nasceu em 1946 em Dakar, no Senegal, e tem uma carreira pautada por ativismo político decolonial em uma multiplicidade de funções: romancista, ensaísta, jornalista, dramaturgo, roteirista de cinema, consultor do Ministério da Cultura e professor de filosofia e literatura. O primeiro romance que publicou foi *Le Temps de Tamango* (1981). Em 1997, *Le Cavalier et Son Ombre* recebeu o prêmio Tropiques, concedido pela Agência Francesa de Desenvolvimento. *Murambi, o livro das ossadas* (2000), seu primeiro livro lançado no Brasil, foi incluído na lista dos melhores livros africanos do século XX numa votação promovida pela Feira Internacional do Livro do Zimbábue. Também em 2000, o autor recebeu o Grande Prêmio Literário da África Negra pelo conjunto da obra.

Em 2006, Boris Diop lançou *Doomi Golo*, o primeiro livro escrito em wolof, idioma nativo senegalês. Outro romance escrito em wolof veio à luz em 2017: *Bàmmeelu Kocc Barma*. O escritor também criou uma editora que publica livros de escritores estrangeiros traduzidos nesse idioma. “Ensinar as línguas africanas é o início da decolonização do espírito”, diz. No jornalismo, foi diretor do *Le Matin* e fundador do primeiro jornal independente de Senegal, o *Sol*.

*Murambi, o livro das ossadas* sai pelo selo Ilimitada da CARAMBAIA, destinado a obras que não estão em domínio público e podem ser reimpressas de acordo com a demanda. A edição impressa, em capa dura, tem projeto do Estúdio Daó, e será lançada simultaneamente à versão digital, à venda na Amazon, Apple, Google e Kobo.

**Título:** Murambi, o livro das ossadas

**Autor:** Boubacar Boris Diop

**Tradução:** Monica Stahel

**Posfácio:** Boubacar Boris Diop

**Projeto gráfico:** Estúdio Daó

**Número de páginas:** 224

**Ano de publicação:** 2021

**Acabamento e encadernação:** Capa dura com laminação

**Valor:** R\$ 69,90 | R\$ 48,90 (e-book)

## EDITORA CARAMBAIA

Av. São Luís, 86 - conjunto 182 - República

São Paulo - SP 01046-000

(11) 2366-5538

[www.carambaia.com.br](http://www.carambaia.com.br)

## CONTATO PARA IMPRENSA

Clara Dias

[imprensa@carambaia.com.br](mailto:imprensa@carambaia.com.br)

(11) 98196-5036